



ANAIS

**2A. JORNADA CIENTÍFICA INTERNACIONAL DA REDE MUSSI  
REDES E PROCESSOS INFO-COMUNICACIONAIS:  
MEDIÇÕES, MEMÓRIAS, APROPRIAÇÕES**

Encontros científicos internacionais da Rede MUSSI

Série: Jornadas Científicas Internacionais  
Volume II, 2012

## Números anteriores da coleção

### Encontros Científicos Internacionais da Rede Mussi:

- Série Colóquios Científicos Internacionais:

*Mediações e Usos de Saberes e da Informação: um diálogo França-Brasil.*  
Anais organizados por Regina Marteleto e Icléia Thiesen. Rio de Janeiro, 4-7 novembro 2008. Rio de Janeiro: Rede MUSSI, ICICT/Fiocruz, Ibict/UFRJ, 2008, 633p. v.1.

*Médiations et hybridations: construction sociale des savoirs et de l'information.*

Actes publiés sous la direction de Viviane Couzinet et Caroline Courbières. Toulouse, 15-17 novembre 2011. Toulouse: Université de Toulouse 3, 2011, 473 p. v. 2.

- Série Jornadas Científicas Internacionais:

*Médiations documentaires: entre réalités et imaginaires.*

Actes publiés sous la direction de Viviane Couzinet et Regina Marteleto. Avignon: Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse. Toulouse: Université de Toulouse 3, 2010, 200p. v.1.



**2A. JORNADA CIENTÍFICA INTERNACIONAL  
REDES E PROCESSOS INFO-COMUNICACIONAIS:  
MEDIações, MEMÓRIAS, APROPRIações**

**ANAIS**

*Coordenação*

**Regina Maria Marteleto**

Laces/PPGICS/Icict/Fiocruz

**Icléia Thiesen**

Lahodoc/Unirio

**Geni Chaves Fernandes**

Unirio

**Gustavo Silva Saldanha**

Unirio - IBGE

Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
24, 25 e 26 de outubro de 2012

*Organização e realização:* Rede MUSSI

*Promoção:* PPGICS/Laces/Icict/Fiocruz  
PPGCI/Ibict/UFRJ  
MPB/Unirio  
PPGCI/UFGM

*Organização e Realização:*

Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informação - Rede MUSSI

*Promoção:*

Programa de Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde  
- PPGICS/Icict/Fiocruz;

Laboratório de Comunicação e Saúde - Laces/Icict/Fiocruz

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/Ibict/UFRJ

Mestrado Profissional em Biblioteconomia – MPB/ Unirio

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFMG

*Apoio:*

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ CAPES  
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ

*Coordenação:*

Regina Maria Marteleto (Icict/Fiocruz)

Icléia Thiesen (Unirio)

Geni Chaves Fernandes (Unirio)

Gustavo Silva Saldanha (Unirio - IBGE)

*Capa:*

Vera Lucia Fernandes de Pinho

*Diagramação e Projeto Gráfico:*

Quadro Vermelho Produções

*Impressão:*

Oficina de Livros

*Ficha catalográfica:* Gustavo Silva Saldanha (Unirio - IBGE)

---

J82 Jornada Científica Internacional da Rede Mussi – Redes e processos info-comunicacionais: mediações, memórias, apropriações (2. : 24-26 out. 2012 : Rio de Janeiro, RJ)

Anais da 2ª Jornada Científica Internacional da Rede Mussi – Redes e processos info-comunicacionais: mediações, memórias, apropriações / Regina Maria Marteleto, Icléia Thiesen, Geni Chaves Fernandes, Gustavo Silva Saldanha (organizadores). - Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012 .  
p. 468.

ISBN: 978-85-85471-19-4

1. Ciência da Informação. 2. Redes e processos info-comunicacionais. 3. Mediação. 4. Memória. 5. Apropriação. I. Marteleto, Regina Maria. II. Thiesen, Icléia. III. Fernandes, Geni Chaves. IV. Saldanha, Gustavo Silva. V. Rede Mussi. VI. Título.

CDU: 02

---

**Comitê Científico:**

ALMEIDA, Marco Antônio  
(*Universidade de São Paulo, USP, Brasil*)

COUZINET, Viviane  
(*Université de Toulouse 3, França*)

DAVALLON, Jean  
(*Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse, França*)

ESTELLITA-LINS, Carlos Eduardo  
(*Icict/ Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, Brasil*)

FABRE, Isabelle  
(*Educagri, ENFA, Université de Toulouse 3, França*)

JEANNERET, Yves  
(*Université Paris Sorbonne – Celsa, França*)

LERNER, Kátia  
(*Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, Brasil*)

LARA, Marilda  
(*Universidade de São Paulo, USP, Brasil*)

MARTELETO, Regina  
(*Icict/ Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, Brasil*) - Presidente

OLINTO, Gilda  
(*Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Ibict,  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil*)

PINHEIRO, Marta  
(*Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil*)

REGIMBEAU, Gérard  
(*Université de Montpellier, França*)

THIESEN, Icléia  
(*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio, Brasil*)

TOLMASQUIM, Alfredo  
(*Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Ibict /  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil*)

VARANDA, Marta  
(*Universidade de Lisboa, Portugal*)



## Comitê de Organização:

FERNANDES, Geni

*(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Unirio)*

NÓBREGA, Nanci

*(Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil)*

BTESHE, Mariana

*(doutoranda PPGICS/Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz)*

CAMPOS, Gilda

*(mestre PPGCI/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Ibict - Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ)*

CARVALHO, Lidiane

*(doutoranda PPGCI/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Ibict /Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ)*

PEREIRA, Carla

*(mestre em Antropologia, IFICS/  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ)*

SALDANHA, Gustavo S.

*(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO)*

SILVA, Marcus Vinicius

*(mestrando PPGICS/Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz)*

LUIZ, Adalcília

*(bolsista Laces/Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz)*

DEODATO, Samantha

*(bolsista Laces/Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz)*

D'AVILA, Cristiane

*(Ascom/Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz)*

REZENDE, Renata

*(Ascom/Icict/Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz)*

SANTIAGO, Selma

*(Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,  
Ibict - UFRJ)*

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

- A Rede MUSSI e a 2ª. Jornada Científica Internacional ..... 11  
*Regina Maria Marteleto (Icict/Fiocruz, Brasil)*  
*Viviane Couzinet (Université de Toulouse 3, França)*

## CONFERÊNCIA INAUGURAL

- Du numérique pour la culture à la culture numérique ?**  
**Do digital para a cultura à cultura digital ?** ..... 21  
*Jean Davallon*  
*Professeur des universités, Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse*  
*Équipe Culture & Communication (Centre Norbert Elias), France*

## MESAS-REDONDAS

### 1. Redes, mediações e apropriação de saberes

- Analyser les “réseaux sociaux” en tant que dispositifs  
info-communicationnels: une problématique ..... 39  
*Yves Jeanneret (Université Paris Sorbonne, França)*
- Políticas culturais e redes sócio-técnicas ..... 62  
*Marco Antonio Almeida (ECA/USP, Brasil)*
- Alterações climáticas e circulação do saber entre ciência e prática:  
uma via de um sentido, dois sentidos ou um beco sem saída? ..... 79  
*Marta Pedro Varanda, Sofia Bento (ICS/UL, Portugal)*
- A recepção da emergência médica como dispositivo  
info-comunicacional: semiologia de balcão ..... 97  
*Carlos Eduardo Estellita-Lins (Icict/Fiocruz, Brasil)*

### 2. Dispositivos, memória e usos sociais dos saberes

- Espace et dispositif d'organisation des savoirs:  
vers une approche sensible ..... 115  
*Isabelle Fabre (Université de Toulouse 3, França)*
- Fabrique de la liste:  
un dispositif entre mémoire et commémoration ..... 133  
*Viviane Couzinet, Université de Toulouse 3, França)*

Novas tecnologias nos Sistemas de organização do conhecimento:  
possibilidades de “escutar” outros discursos ..... 152  
*Marilda Lara (ECA/USP, Brasil)*

## COMUNICAÇÃO CONVIDADA

**Rede e tecnologia no conhecimento do espaço** ..... 169  
*Tamara Egler, (Ippur/UFRJ, Brasil)*

## SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

### 1. Redes e circulação dos objetos culturais

La danse comme expérience de médiation au musée  
des Beaux Arts: Babysitting series de Robyn Orlin  
au Musée des Augustins de Toulouse ..... 189  
*Dominique Trouche; Emmanuelle Lambert (Université de Toulouse 3, França)*

Museologia no contexto das redes ..... 200  
*Renata Maria A. Baracho; Cátia R. Barbosa; Max C. de Mattos  
(ECI/UFMG, Brasil)*

Memória e mediações sociais: a história da Biblioteca  
Mário de Andrade contada através de relatos de vida ..... 213  
*Fabício José N. da Silveira (ECI/UFMG, Brasil)*

Delimitação e configurações de redes de assunto na Web:  
aproximações entre redes construídas em torno  
de temas da política e do entretenimento ..... 229  
*Luiz Fernando de B. Campos; Ludmila S. Venâncio (ECI/UFMG, Brasil)*

### 2. Informação, identidade e ações coletivas

Cartografia de controvérsias do movimento ambientalista  
na internet: Rio+20 versus Cúpula dos Povos ..... 246  
*Débora de C. Pereira; Maria Aparecida Moura; Tommaso Venturini  
(ECI/UFMG, Brasil)*

Saberes, mediação e redes na produção do espaço urbano:  
um olhar sobre o Capela Velha, Nova Lima ..... 259  
*Denise Morado; Marcela Lopes; Junia Lima; Camila de Assis; Paulíntia  
Braga; Luíza Lages (EA/UFMG, Brasil)*

Informação, comunicação e apropriação  
de conhecimentos na experiência de intervenção  
homeopática no Morro dos Cabritos, RJ ..... 272  
*Gilda Z. R. Campos (Ibict/UFRJ, Brasil)*



Políticas públicas de saúde e produção compartilhada de saberes e informação: dificuldades e potencialidades das redes sociais dos agentes comunitários de saúde..... 287  
*Helena Maria S. L. David (FE/UERJ, Brasil)*

### 3. Leituras, escritas e novas mídias

Toulouse numérique et patrimoine 2.0: mémoires, médiations et animations du patrimoine toulousain ..... 303  
*Patrick Fraysse (Université de Toulouse 3, França)*

Algumas reflexões sobre novas tecnologias e mediação da informação ..... 313  
*Giulia Crippa (ECA/USP, Brasil)*

Almanaque dos Agentes Comunitários de Saúde: as narrativas como pertencimento, apropriação e produção de saberes e seu uso na mediação informacional ..... 328  
*Nanci G. Nóbrega (UFF, Brasil); Helena S. L. David (FE/UERJ, Brasil)*

### 4. Cultura informacional e acesso ao conhecimento

Dispositifs de médiation des savoirs et de l'information-documentation ..... 345  
*Cécile Gardiès (Université de Toulouse 3, França)*

Ciência na interseção da memória e da educação..... 356  
*Carmen Irene de Oliveira (Unirio, Brasil)*

A mediação como estratégia para a apropriação de saberes..... 371  
*Aida V. Varela; Marilene L. A. Barbosa (UFBA, Brasil)*

### 5. Documento, mediação e linguagem

De la vulgarisation à la médiation: le magazine historique, un espace complexe de diffusion ..... 387  
*Josiane S. Demeurisse (Université de Toulouse 3, França)*

A Rede MUSSI no contexto da produção e da circulação do conhecimento nas Ciências da Informação: uma análise quanti e qualitativa..... 397  
*Gustavo S. Saldanha (Unirio - IBGE); Marcus Vinicius P. da Silva (Icict, Fiocruz, Brasil)*

Mediação e recepção da informação sob a ótica de Niklas Luhmann ..... 412  
*Pablo Marcos Derqui (ECA/USP, Brasil)*

## 6. Narrativa, cultura, escrita e oralidades

- Memória e informação: uma proposta de modelização  
discursivo-conceitual ..... 426  
*Vera Dodebei; Evelyn G. Dill Orrico (Unirio, Brasil)*
- Mídias locais, memória e comunidade:  
um estudo da cobertura das mídias locais sobre a história  
e o desvanecimento da comunidade de Inhotim (MG) ..... 438  
*Valdir de C. Oliveira (Icict/Fiocruz, Brasil)*
- Narrativa como recurso metodológico:  
apontamentos para o estudo das práticas  
info-comunicacionais implicadas no campo da saúde ..... 452  
*Mariana Bteshe (Icict/Fiocruz, Brasil)*

---

## A Rede Mussi e a 2a. Jornada Científica Internacional

*Regina Maria Marteleto\**

Pesquisadora e Professora, Laces e PPGICS/Icict/Fiocruz  
e do PPGCI/Ibict/UFRJ, Brasil

*Viviane Couzinet\*\**

Professeur des Universités, LERASS/Université Paul Sabatier/  
Toulouse 3, France

**A** Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informação (Rede MUSSI) reúne pesquisadores brasileiros e franceses inseridos no campo de estudos da informação, comunicação, documentação e áreas afins, interessados em temáticas de pesquisa que associam os aspectos epistemológicos, teóricos, metodológicos e práticos da informação aos interesses e necessidades da sociedade.

A partir dessa demarcação, seu objetivo é promover a pesquisa, a formação e as trocas entre pesquisadores e estudantes, favorecendo o estabelecimento de elos institucionais e científicos entre grupos, laboratórios de pesquisa e programas de pós-graduação do Brasil e da França. À medida de sua consolidação, outras adesões internacionais são acolhidas, no movimento próprio das trocas e parcerias entre os seus membros.

Diversas iniciativas vêm sendo realizadas para promover o debate e as interações no âmbito da Rede Mussi. Em 2008 foi organizado o 1o. Colóquio Internacional *Mediações e Usos dos Saberes e da Informação : um diálogo França-Brasil*, no Rio de Janeiro (Brasil), com a promoção do ICICT/Fiocruz (Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/Fundação Oswaldo Cruz) e do Ibict/MCT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Ministério da Ciência e Tecnologia). Em 2010 organizou-se a 1a. Jornada Científica Internacional *Mediações documentárias : entre realidades e imaginários*, na Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse, na cidade de Avignon (França). Em 2011 realizou-se o 2o. Colóquio Internacional *Mediações e hibridações: construção social dos saberes e da informação*, promovido pela Université Paul Sabatier, Toulouse 3, na cidade de Toulouse (França). Os textos das comunicações e das conferências e palestras convidadas foram publicados em anais, com ISBN, na coleção

*Encontros Científicos Internacionais da Rede MUSSI, nas séries Colóquios Científicos Internacionais e Jornadas Científicas Internacionais.*

As Jornadas Científicas Internacionais são promovidas a partir do mesmo princípio de avaliação e de dimensão internacional dos colóquios, e objetivam discutir e atualizar as temáticas das pesquisas em andamento, promover a interação entre os pesquisadores e estudantes, além de planejar as atividades da Rede Mussi. Durante as Jornadas é escolhido o foco temático do Colóquio Internacional subsequente, o *3o. Colóquio Internacional da Rede MUSSI*, a ser realizado com o apoio da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

As atividades da 2ª. Jornada Científica Internacional *Redes e Processos Informativos: mediações, memórias, apropriações* compreenderam a apresentação, em sessões de comunicação, de trabalhos relatando pesquisas concluídas ou em andamento, além de palestras convidadas e mesas-redondas, distribuídos ao longo dos três dias do evento, tendo em vista cumprir os seguintes objetivos:

- apresentar e intercambiar resultados dos trabalhos científicos e das diferentes iniciativas e reflexões dos atores da Rede Mussi (pesquisadores e estudantes) a fim de qualificar e divulgar os conhecimentos produzidos, bem como favorecer a pesquisa, o ensino e a formação nos Programas de pós-graduação;
- compreender e analisar as dinâmicas acadêmicas, econômicas e institucionais da pesquisa em Ciência da Informação na França e no Brasil, visando estabelecer e consolidar parcerias de pesquisa;
- incentivar o fortalecimento e a expansão da Rede Mussi.

As temáticas da Jornada se inscrevem no quadro das mudanças acentuadas nos modos de produção, circulação e usos de conhecimentos, advindas do acelerado desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, quando os estudos no campo das Ciências da Informação se voltam para as complexas estratégias de mediação na construção e apropriação do conhecimento nas sociedades atuais. Nesse mesmo foco, voltam-se ao entendimento das distintas transformações metodológicas e epistemológicas resultantes da interrelação entre as práticas sociais e a criação de dispositivos info-comunicacionais, como objetos que fazem mais do que conter, representar e fazer fluir as informações, observando os seus contextos de produ-

ção, circulação e apropriação, além das suas propriedades performativas.

A escolha do termo redes como conceito aglutinador daqueles eleitos para compor o foco dos estudos da Rede Mussi – uso, apropriação e mediação de saberes e da informação – nessa edição de sua 2ª. Jornada Científica Internacional, apoiou-se em alguns pressupostos gerais:

- a) pensar com foco nas redes não implica em adentrar o movimento dos fluxos globalizados e a abandonar o caráter de permanência, arquivamento e, portanto, de controle e poder de significação das informações, mas em atentar para a configuração das zonas de mediações que se originam nos elos e vínculos entre atores sociais e institucionais nas práticas e nos processos compartilhados de informação e comunicação;
- b) a aproximação dos fenômenos info-comunicacionais pelo referente das redes leva a considerar os espaços sociais concretos ou virtuais como cultura, ou seja, territórios onde se desenvolvem negociações, conflitos e interações produtores de novos sentidos e de saberes;
- c) o termo redes sugere ainda a adoção de uma observação relacional das interações e práticas sociais, o que requer a reconversão dos instrumentos epistemológicos, metodológicos, técnicos e práticos dos pesquisadores, além de uma atitude reflexiva sobre a sua própria atuação em redes da ciência.

Nesse escopo, a 2a. Jornada Científica Internacional *Redes e processos info-comunicacionais: mediações, memórias, apropriações* dividiu-se em dois conjuntos de atividades e temáticas correspondentes:

- “Processos info-comunicacionais no contexto das redes: entre permanências e fluxos”, a qual foi desenvolvida em mesas de debates com palestrantes convidados e sessões de comunicações com chamada aberta de trabalhos. Dividiu-se nos seguintes sub-eixos temáticos:
  - a) redes, mediações e apropriação de saberes: os dispositivos info-comunicacionais em espaços interativos e as mediações que se configuram nos diferentes contextos culturais, na apropriação de saberes, nos processos multiculturais de participação e ações coletivas locais, regionais e internacionais;
  - b) redes, comunicação e fluxos de informação: as transformações dos elos e das identidades sociais no contexto da apropriação das tecnologias digitais associadas às novas formas textuais, sonoras e imagéticas, em contextos educacionais formais e no acesso e usos sociais de conhecimentos;

- c) redes, documentos e memórias: os elos entre informação, memória e história na preservação, valorização e revitalização de diferentes patrimônios documentais, buscando refletir sobre a eficácia das ações e dos sistemas de informação colocados em prática e a interrogar sua utilidade para favorecer a participação social;
- “A pesquisa em Ciência da Informação e as perspectivas da Rede Mussi”. Esta atividade baseou-se na apresentação de análises sobre a cooperação internacional na pesquisa e nos Programas de Pós-Graduação na França e no Brasil, em mesa-redonda com representantes da área de Ciências da Informação junto às agências de avaliação e fomento dos dois países. A temática teve desdobramento em uma sessão de atividades, entre os membros da Rede Mussi, para a apresentação de documentos produzidos por grupos de trabalho sobre os projetos e parcerias da Rede, compostos por pesquisadores e estudantes dos dois países.

A publicação dos anais da 2a. Jornada Científica Internacional *Redes e Processos Info-comunicacionais: mediações, memórias, apropriações*, compoendo mais uma obra das Séries Internacionais da Rede Mussi, testemunha a relevância do diálogo acadêmico e científico no plano da cooperação internacional na área das Ciências da Informação, além de promover a difusão dos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores nos dois países - Brasil e França – em direção a novas parcerias internacionais, interinstitucionais e interdisciplinares.

## Le Réseau Mussi et la 2e. Journée Scientifique Internationale

**L**e Réseau Franco-Brésilien de Chercheurs sur les Médiations et Usages Sociaux des Savoirs et de l'Information (Réseau MUSSI) regroupe des chercheurs brésiliens et français inscrits dans le champ d'études de l'information, de la communication, de la documentation et des domaines connexes et qui s'intéressent aux thématiques de recherche associant les aspects épistémologiques, théoriques, méthodologiques et pratiques de l'information aux intérêts et besoins de la société.

À partir de cette ligne de démarcation, son objectif est de promouvoir la recherche, la formation et les échanges entre chercheurs et étudiants, en

favorisant l'établissement de liens institutionnels et scientifiques entre groupes, laboratoires de recherche et programmes doctoraux du Brésil et de la France. Au fur et à mesure de la consolidation du réseau d'autres adhésions internationales sont reçues en vue d'échanges et de partenariats. Plusieurs initiatives ont été prises pour promouvoir les débats et l'interaction au sein du Réseau Mussi. En 2008 le 1<sup>er</sup> Colloque International *Médiations et Usages des Savoirs et de l'Information: un dialogue France-Brésil*, a été organisé à Rio de Janeiro (Brésil), avec le soutien de l'ICICT/Fiocruz (Institut de Communication et Information Scientifique et Technique en Santé /Fundação Oswaldo Cruz) et de l'Ibict/MCT (Institut Brésilien de l'Information en Science et Technologie/Ministère de Science, Technologie et Innovation). En 2010 a eu lieu la 1<sup>ère</sup> Journée Scientifique Internationale *Médiations documentaires : entre réalités et imaginaires*, à partir du même principe d'évaluation et avec la même dimension internationale qu'un colloque, à l'Université d'Avignon et des Pays de Vaucluse, Avignon (France). En 2011 a été réalisé le 2<sup>e</sup> Colloque International *Médiations et hybridations: construction sociale des savoirs et de l'information*, organisé par l'Université Paul Sabatier (Toulouse 3) à Toulouse (France). Les textes des communications et des conférences plénières ont été publiés dans des recueils d'actes (avec ISBN), dans la collection *Manifestations scientifiques internationales de MUSSI Séries Colloques scientifiques Internationaux et série Journées scientifiques internationales*.

Les Journées Scientifiques Internationales servent à discuter et actualiser les thématiques des recherches en cours, promouvoir l'interaction entre chercheurs et étudiants, outre de planifier les activités et partenariats entre les membres du Réseau. Pendant les Journées est aussi choisi l'axe thématique du Colloque International suivant, ici il s'agira du 3<sup>e</sup> Colloque International du Réseau Mussi, avec le support de l'Université Fédérale de Bahia (UFBA).

Les activités de cette 2<sup>e</sup>. Journée Scientifique Internationale comprennent la présentation en ateliers de communications, des recherches conclues où en procès, ainsi comme des conférences invitées, tables rondes et communication invitée, tout au long des trois jours de la Journée.

La Journée s'inscrit dans les activités et projets du Réseau Mussi et se donne les objectifs suivants:

- présenter et échanger les résultats des travaux scientifiques et des initiatives et réflexions des acteurs du Réseau Mussi (chercheurs et étudiants) afin de qualifier et de diffuser les connaissances produites, de favoriser la recherche, l'enseignement et la formation dans les programmes doctoraux;
- analyser les dynamiques scientifiques, économiques et institutionnelles de la recherche en Science de l'Information en France et au Brésil, afin d'établir et de renforcer des partenariats de recherche ;
- stimuler le renforcement et l'expansion du Réseau Mussi.

Les thématiques de la Journée prennent en considération les changements dans les modes de production, circulation et usages des connaissances, résultants de l'accélération du développement des techniques de l'information et de la communication. Ainsi, les études du champ des Sciences de l'Information s'intéressent aux stratégies de médiation dans la construction et l'appropriation des connaissances dans les sociétés actuelles. Les recherches se tournent aussi vers la compréhension des différentes transformations méthodologiques et épistémologiques venues des interrelations entre les pratiques sociales et la création de dispositifs info-communicationnels. Ils sont alors vus comme des objets qui font plus que contenir, représenter et faire circuler les informations. Outre leurs propriétés performantes sont observés leur contexte de production, de circulation et d'appropriation.

Le choix du terme réseau, comme concept rassembleur de ceux qui ont été retenus pour composer le cœur des recherches de MUSSI dans cette édition de la 2<sup>e</sup> Journée scientifique internationale, est basé sur quelques présupposés généraux:

- a) penser les réseaux n'implique pas d'entrer dans le mouvement des flux globalisés et à abandonner le caractère de permanence, archivage et donc de contrôle et de pouvoir de signification de l'information, mais d'observer la configuration des zones de médiations qui ont leur origine dans les liens entre les acteurs sociaux et institutionnels, dans les pratiques et dans les processus partagés d'information et communication ;
- b) le rapprochement des phénomènes info-communicationnels à partir du référent des réseaux implique de considérer les espaces sociaux, concrets ou virtuels, comme culture, c'est-à-dire, comme territoires où se développent des négociations, conflits et interactions producteurs de nouvelles significations et de savoirs;



c) la notion de réseaux implique aussi l'observation relationnelle par rapport aux interactions et aux pratiques sociales, ce qui implique la reconversion des instruments épistémologiques, méthodologiques, techniques et pratiques des chercheurs, outre une réflexion sur leur rôle dans de ces derniers dans les réseaux scientifiques.

Dans cet esprit, la 2<sup>e</sup> Journée Internationale *Réseaux et processus info-communicationnels : médiations, mémoires, appropriations* porte sur deux axes d'activités et de thématiques correspondantes :

- «Processus info-communicationnels dans le contexte des réseaux: entre permanences et flux». Cette activité se déroulera sous la forme de tables-rondes, (en sessions plénières) ainsi qu'en sessions simultanées de communications (en réponse à appel ouvert à proposition) sur les axes suivants:
  - a) réseaux, médiations et appropriation des savoirs : les dispositifs info-communicationnels dans des contextes interactifs locaux, régionaux, globalisés et les médiations qui se configurent dans différents contextes culturels pour l'appropriation des savoirs, en prenant en compte les processus multiculturels de participation et les actions collectives;
  - b) réseaux, communication et flux d'information: les transformations des liens et des identités sociaux pour l'appropriation des techniques numériques associées aux nouvelles configurations du textes, sons et images dans les contextes de l'éducation formelle et pour les usages sociaux des connaissances;
  - c) réseaux, documents et mémoires: liens entre information, mémoire et histoire dans la préservation, valorisation et revitalisation de différents patrimoines documentaires, pour réfléchir à l'efficacité des actions et des systèmes d'information mis en pratique, aussi bien que pour interroger l'utilité de ces actions pour promouvoir la participation sociale.
- «La recherche en Sciences de l'Information et les perspectives du Réseau Mussi». Cette activité sera appuyée sur des analyses et débats sur le Réseau Mussi et son objectif pour les années à venir. Elle se déroulera à partir d'une session plénière de débats entre les chercheurs qui représentent le domaine dans les agences d'évaluation de la recherche et les programmes doctoraux en France et au Brésil. Elle sera suivie d'une session, entre les membres du Réseau Mussi, de présentation de documents produits par des groupes thématiques sur les projets et partenariats du Réseau, compo-

sés par des chercheurs et étudiants des deux pays.

La publication des actes de la 2<sup>e</sup>. Journée Scientifique Internationale *Réseaux et processus info-communicationnels: médiations, mémoires, appropriations*, au sein des Séries Internationales du Réseau MUSSI, fait témoignage de l'importance du dialogue académique et scientifique sur le plan de la coopération internationale dans le domaine des Sciences de l'information, outre de promouvoir la diffusion des connaissances produites par les chercheurs des deux pays – Brésil et France – en direction à des nouveaux partenariats internationaux, interinstitutionnels et interdisciplinaires.

\* Responsável científica da Rede MUSSI pelo Brasil

\*\* Responsable scientifique du Réseau MUSSI pour la France

CONFERÊNCIA INAUGURAL





---

## Du numérique pour la culture à la culture numérique?

### Do digital para a cultura à cultura digital?

*Jean Davallon*

**L**e développement de l'usage des médias informatisés (ce que l'on appelle couramment le « numérique ») dans le monde de la culture, que ce soit dans le domaine de la création ou dans celui du patrimoine, soulève deux interrogations.

La première est aussi commune que récurrente. Elle porte sur le fait de savoir si ce développement entraîner une modification des pratiques culturelles, tant du côté des producteurs d'objets culturels divers (créations ou mises en valeur) que du côté des publics. Quel est au fond l'impact du numérique sur la culture?

Seconde interrogation : à partir de quel moment, et selon quelles modalités, cet usage des médias informatisés s'accompagne-t-il de l'apparition de façons de faire et d'objets culturels jusqu'à lors inconnus ? Nous basculons alors de l'impact du numérique sur la culture à la question de la constitution d'une « culture numérique ».

Ces deux interrogations, si elles sont complémentaires, ne se situent cependant pas au même niveau. La différence entre les deux n'est pas seulement de degré, mais aussi de nature puisque la constitution d'une culture numérique<sup>1</sup> dépasse, et de loin, le seul monde de la culture.

Pourtant, il me semble que mettre en parallèle les deux questions crée les conditions d'un repérage du point d'émergence de la culture numérique, même si – je dois l'avouer – l'entreprise est un peu périlleuse. En effet, avant qu'une culture numérique ne se constitue – et pour qu'elle se constitue –, ce que nous observons essentiellement, ce sont des changements limités, voire mineurs, dont les effets ne sont pas forcément ceux que l'on aurait pu attendre ou anticiper.

Je pense par exemple aux espoirs mis à une période dans les cédéroms de

musée (Davallon *et al.*, 200). Ce nouvel objet culturel paraissait porteur de nouvelles formes d'édition, soit avec le remplacement des catalogues d'exposition ou de musée, soit avec l'apport d'une forme ludique de découverte des lieux patrimoniaux. Il en fut de même pour la mise à disposition des bases de données de musées sur internet<sup>2</sup>. Mais, dans les deux cas, ces outils, comme tels, ne modifièrent pas fondamentalement les pratiques de l'édition, ni les pratiques du public des musées d'art alors que certains nous avaient prédit le remplacement des visites dans les musées par la pratique du musée virtuel. Et pourtant, force est de reconnaître que leur existence a contribué à de nouvelles pratiques d'archivage, de documentation ou de consultation, et au-delà à une modification de la manière de regarder les œuvres exposées, comme l'avait d'ailleurs déjà fait le développement de l'édition papier.

Face à nos deux questions initiales, nous devons donc constater que nous sommes au milieu du gué, pris dans un entredeux. D'un côté, difficile de dire aujourd'hui en quoi ce changement crée un nouveau rapport à la culture, ni jusqu'à quel point il construit une nouvelle forme de compétence des spécialistes ou des publics. D'un autre côté, il est certain que les capacités techniques permettent des pratiques culturelles qui étaient impossibles auparavant, telles que retrouver un document, avoir une autonomie de documentation, pouvoir stocker ou comparer des œuvres, avoir la possibilité d'échanger sur des expériences, etc.

À partir de ce constat, essayons donc de voir comment repérer ce point d'émergence de la culture numérique à partir des modifications de la culture. Afin de bien faire comprendre ce positionnement et avant de montrer en quoi il peut être efficient pour le chercheur, je prendrai l'exemple, simple et connu, de la numérisation car il permet d'aller au-delà du simple constat technique sans pour autant reprendre les discours utopiques sur les technologies selon lesquels tout changement technologique modifie de fond en comble la société.

## **Le numérique dans la culture : l'exemple de la numérisation**

L'avantage de l'acte de numériser est emblématique du monde de la culture car il offre la possibilité de conserver des fonds de nature très variée apparte-

nant à tous les domaines de la culture (archives, documents, images, films, de reproductions d'œuvres, etc.).

Or, qu'est-ce que numériser? La question est volontairement provocatrice. Elle fait apparaître qu'il existe deux réponses.

La première, qui se place du côté du spécialiste, qu'il soit chercheur ou conservateur, considère cet acte comme un *moyen* qui, en créant une copie d'un original, rend plus facilement accessible celui-ci sans risquer de le détériorer par de multiples manipulations. Peu importe d'ailleurs que ce soient des amateurs et non des spécialistes qui viennent consulter les copies ainsi produites, car la question de l'*usage*, c'est-à-dire de savoir qui peut y avoir accès et pour en faire quoi, ne se pose pas vraiment. L'institution dépositaire des originaux à pour fonction de les conserver et de permettre à des usagers qui savent pourquoi ils viennent de les consulter. La numérisation introduit simplement une plus grande facilité d'usages sans changer ces derniers<sup>3</sup>.

Cette façon de penser la numérisation comme un pur « moyen technique » est fondée sur trois présupposés.

- (i) Numériser un objet en produit une représentation, une copie, qui est un simple *substitut* de l'original<sup>4</sup>. Ce qui est ne prendre en compte que le caractère d'empreinte ou d'enregistrement de cette copie<sup>5</sup>. Il est une icône, suffisamment ressemblante d'un certain point de vue (par exemple de l'information contenue s'il s'agit d'un document porteur d'un texte ou de l'organisation de la surface s'il s'agit d'une image), pour que l'on puisse faire comme s'il s'agissait de l'original.
- (ii) Les usagers vont avoir les mêmes pratiques, attentes et usages avec les copies que celles qu'ils pouvaient avoir avec les originaux. De ce fait, là encore, le rapport que ces usagers peuvent avoir avec les objets en question – qu'il s'agisse des originaux ou de leur copie – sont essentiellement abordés sous l'angle de l'accès.
- (iii) Sous ces deux conditions, l'institution qui est dépositaire et garante du fonds n'est pas affectée par le fait qu'elle est désormais dépositaire d'un fonds de copies. Or, dans la pratique, il apparaît que l'existence d'un tel fonds pose rapidement la question de la manière dont elle le conserve, le gère, le met à disposition d'un public qui n'est pas forcément celui des originaux et qui n'a ni les mêmes attentes, ni les mêmes pratiques.

En fait, cette façon d'aborder la numérisation à partir du connu et de l'existant tend à effacer les caractéristiques de la *situation* que cet acte introduit.

Selon la seconde réponse, la numérisation se caractérise au contraire par un changement d'objet, de public et d'activité de l'institution.

Nathalie Casemajor (2012), dans une comparaison très intéressante entre deux institutions ayant numérisé des fonds photographiques (la Médiathèque de l'architecture et du patrimoine d'un côté et Bibliothèque et Archives Canada), montre comment émerge de nouvelles formes d'appropriation dès lors que l'on sort de la proposition traditionnelle à destination des spécialistes. Tandis que la stratégie de médiation de la Médiathèque de l'architecture et du patrimoine limitée parce que traditionnelle, dans la mesure où elle « prend comme point de départ la consultation de documents dans une logique de recherche experte », celle de Bibliothèque et Archives Canada vise à améliorer l'accès et à proposer une participation du public en l'amenant soit à créer des contenus autour des fonds numérisés, soit à participer à la description des images ou à la « redocumentarisation » des images.

Cette comparaison met en lumière le fait – certes évident mais qu'il faut reconnaître et dont il faut prendre toute la mesure – que la copie numérique introduit une médiation entre l'usager et l'objet original. Une *médiation* qui peut prendre des formes différenciées va se décliner en *des* médiations. De ce point de vue, un fonds des copies numérisées est un fonds en soi qui ne se définit pas seulement comme une image des originaux car il est un nouvel objet culturel dont les propriétés sont différentes du fonds des originaux. Car ces médiations ouvrent la voie à des situations et des pratiques inédites. Pour prendre à nouveau un exemple simple : la numérisation permet non seulement de rendre accessibles des ouvrages qui n'existent plus que dans les bibliothèques, mais elle permet aussi de « lire » différemment : du point de vue de la situation matérielle (mobilité, posture, techniques du corps) ; du point de vue de la technique intellectuelle et du rapport à l'écrit (découpage par fragment, recherches sur le texte, possibilité de flâner dans la bibliothèque, d'adjoindre des commentaires, de comparer des fragments, de les prélever, etc.) ; et du point de vue de l'usage social avec, par exemple, la création de véritables situations d'échanges sous forme de sites dédiés devant eux-mêmes des dispositifs de médiation (Davallon *et al.*, 2003). Pour ne rien dire des effets de ces nouvelles formes de lecture sur la publication<sup>6</sup>.



Ces nouvelles médiations, leur agencement dans situations et des dispositifs singuliers, les pratiques qu'elles génèrent transforment à la fois la façon de penser ces objets patrimoniaux et le rapport que l'on peut avoir à eux. Je dirai que nous assistons ainsi à une *culturalisation* des objets patrimoniaux.

Mais ce n'est pas tout. Car, la conservation de l'enregistrement des œuvres dans les domaines de la musique, du théâtre, du cinéma, de la télévision entre autres, la reproduction de ces enregistrements et leur circulation sont considérablement facilitées par le numérique. De ce fait, en parallèle de la culturalisation des objets patrimoniaux, nous voyons se développer une *patrimonialisation* de créations ou d'œuvres éphémères ou auparavant vouées à une obsolescence rapide. S'il fallait résumer ce changement, je dirais qu'il se traduit concrètement par une remise en cause de la frontière traditionnelle entre création et patrimoine.

Loin de se limiter à l'enregistrement des arts vivants d'un côté et à l'interprétation du patrimoine de l'autre, les possibilités que le numérique offre redistribuent les cartes entre un univers des objets culturels dont on ne pouvait profiter qu'*in situ* et celui des objets qui étaient produits pour circuler. Par exemple, que ce soit pour les sites archéologiques, les représentations théâtrales, les livres, les concerts, les opéras, les fêtes traditionnelles comme les œuvres d'art, ces nouvelles *médiations* viennent ajouter de nouvelles modalités d'existence de la culture dans l'espace public.

Prenons deux exemples. Un site archéologique va exister à travers le web (son site internet, ceux des agences ou des offices de tourisme, les sites de partage de photos ou de carnet de voyage, etc.) ; à travers éventuellement les guides ou audioguides à télécharger ; éventuellement les livres ou documents scientifiques accessibles en ligne ; les réseaux sociaux auquel il est (ou non, d'ailleurs) abonné ; les blogues des spécialistes du patrimoine (et spécialement de ceux qui traitent de l'usage du numérique dans les sites de patrimoine par exemple...), etc. Le rapport que les visiteurs peuvent avoir avec ce site n'est donc plus seulement celui de la visite plus ou moins documentée.

Il en est de même, dans un tout autre domaine, pour le cinéma qui ne se pratique plus seulement en salle. Les films sont achetables en ligne ou téléchargeables, mais surtout ils peuvent être l'objet de critiques, de discussions, de commentaires ou de promotions, etc. par des moyens qui pour

certains sont identiques à ceux du sites archéologique, tant lors de la sortie en salle que lors du visionnage de copies qui ouvre à de nouvelles pratiques de cinéphilie.

Mais porter attention à ces médiations implique de sortir d'une conception qui réduirait la culture à un « corpus d'œuvres valorisées » (Passeron, 2006, p. 498). Une telle conception l'approche comme un répertoire, une collection d'objets. C'est elle qui entre en résonance avec le modèle de la base de données qui sert encore parfois de principe d'organisation de l'accès du public aux objets numérisés. Or, c'est précisément cette organisation, qui était celle des musées traditionnels, qui a évolué au cours des trente ou quarante dernières années dans le monde des expositions.

C'est aussi elle que l'on voit commencée à être remise en cause aujourd'hui par les multiples petites modifications observables non seulement dans la relation que nous pouvons avoir aux objets, comme avec le cas de la numérisation des objets culturels, mais encore avec l'appropriation de ces objets (productions amateurs, sites de partage, etc.), ou la critique dite « participative » (blogues, réseaux sociaux, etc.).

C'est à partir de la prise en compte de ces médiations, des situations dans lesquelles celles-ci interviennent et des pratiques qu'elles entraînent, que l'on peut commencer à saisir ce qui s'amorce comme une culture numérique dans les usages que la culture fait du numérique.

De manière pratique, comment aborder l'émergence de ces nouvelles formes de *médiations*, alors que s'il est certain que le numérique – autrement dit, la généralisation de l'usage des médias informatisés – est en train de modifier le monde de la culture sans qu'il soit possible d'anticiper ce qu'il en restera, ni les objets produits ni ce qui sera *institutionnalisé* ? Le changement est en effet aujourd'hui plus visible que la sédimentation institutionnelle : la culture numérique est avant tout un style de vie ou une autodéfinition – une « culture-style » ou une « culture déclarative », pour reprendre les catégories de Jean-Claude Passeron (2006, p. 494-498).

Plutôt que de passer une revue des différentes modalités d'existence dans l'espace public du numérique ou des cultures numériques<sup>7</sup> en général, je proposerai plus modestement de porter la regard sur deux processus, l'un interne aux médias informatisés, l'autre « externe » de l'intégration de dispositifs numériques dans une pratique, à partir de deux exemples : (i) celui

des changements intervenant dans *l'écriture* d'un dispositif ; et (ii) celui de l'évolution de *dispositifs* de prise d'information par le public sur des lieux touristiques impliquant du numérique. Les deux exemples qui suivent correspondent à des recherches auxquelles j'ai participé. À noter que, pour des raisons conjoncturelles, ils appartiennent tous deux au monde du tourisme et qu'il conviendrait évidemment d'élargir l'enquête. En revanche, la variété des pratiques qui caractérisent ce monde permet bien de voir comment s'opère l'émergence d'une culture numérique et peut de ce fait contribuer à aider à comprendre comment aborder d'autres secteurs de la culture.

### **La médiation des écritures : l'exemple des sites web de tourisme**

Le second exemple est emprunté à la recherche que j'ai pilotée, avec Yves Jeanneret, sur les sites web de tourisme (Davallon, 2012).

La mobilisation de plusieurs équipes ayant de compétences différentes a permis d'élucider, à travers l'examen de l'écriture de ces sites, à la fois (i) la construction d'un rapport tant à l'information qu'aux lieux touristiques ; (ii) la construction d'une relation entre des prestataires, des touristes et des gestionnaires d'information (ceux-là mêmes qui ont créé les sites web). Ce sont donc les deux axes, référentiel (rapport aux objets culturels existants) et communicationnel (rapport entre les acteurs sociaux, entre destinataire et destinataires), qui ont été explorés.

Un des résultats majeurs de cette recherche a été de montrer comment, à l'intérieur d'un dispositif numérique, plusieurs formes d'écritures s'articulaient. Reprenant ici les conclusions de la recherche, je voudrai résumer ces résultats afin d'ouvrir la discussion sur ce qu'ils peuvent nous apprendre du numérique dans la culture.

Il est actuellement admis par tout le monde que le fonctionnement des médias informatisés est fondé sur une dissociation entre ce qui fait sens pour un être humain à partir de ce qu'il voit sur l'écran et le support sur lequel se trouve stockée et traitée l'information (Bachimont2000a, 200b ; Leleu-Merviel & Useille 2008). Cette dissociation permet la calculabilité des éléments d'information, ouvrant à ce que Bruno Bachimont appelle une «raison computationnelle». Ces éléments d'information sont ainsi à

l'articulation de deux univers : (i) dans l'univers social et culturel, ils sont effectivement des constituants de ce que peut comprendre celui qui regarde (chaînes de caractère renvoyant à des unités de sens, formes correspondant à des Gestalt perceptives, métadonnées qualifiant de entités non segmentées comme des photos, des sites, etc.) ; (ii) tandis que dans l'univers technique et formel, leur caractère numérique permet d'opérer des calculs plus ou moins complexes permettant de traiter de très grands coups, par exemple.

Pour le chercheur qui étudie l'usage – et donc la compréhension de ce qui s'affiche sur un écran –, le processus est loin d'être, comme on peut le lire parfois, « asémiotique ». La calculabilité ne remplace jamais le processus de signification, autrement dit la sémiologie qui s'opère en réception. Ou pour dire les choses plus simplement : elle ne remplace pas la signification que produit celui qui est devant l'écran à partir de ce qu'il voit et lit. Le processus de production de la signification (la signifiante) est certes orienté par la proposition affichée sur l'écran, laquelle est elle-même issue du traitement de l'information par la machine. Mais, sauf à penser que la réception consiste à purement et simplement « enregistrer » cette proposition, il existe forcément une activité sémiotique qui dépend à la fois des caractéristiques du « récepteur » et du contexte de la réception<sup>8</sup>.

Bien plus, d'un point de vue sociosémiotique, la dissociation entre support et visibilité (ou lisibilité) n'est au contraire qu'une forme supplémentaire de *médiation*, fondée sur une *interopérabilité* des couches d'écriture<sup>9</sup> (leur hybridation). Pour l'internaute, le fait de remplir un formulaire, de poster des photos, d'écrire un commentaire ou simplement de lire un message sur un site, mobilise une série de couches d'écriture qui vont s'activer mutuellement : écriture du site, écriture du navigateur, écriture du logiciel ayant servi à faire le site, écriture des différentes couches du système d'exploitation de l'ordinateur, des serveurs, du protocole de transmission, etc. Sans cette interopérabilité, non seulement le dispositif technique ne fonctionnerait pas, mais même s'il fonctionnait, l'internaute ne pourrait pas comprendre de quoi il s'agit, comme le montre l'incompréhension qu'amène tout affichage de données dans un format inattendu.

Parler de médiation plus que de dissociation revient par conséquent à s'intéresser à la manière dont ces couches d'écriture vont rendre possible la production du sens pour l'internaute. À l'évidence, celui-ci doit simulta-

nément mobiliser le sens de son action (l'activité sémiotique dans laquelle il est engagé) et maîtriser un usage minimum du dispositif. Tout comme il est nécessaire de maîtriser la technique de l'écriture pour coucher sa pensée sur un papier<sup>10</sup>. Ensuite, en fonction du degré de développement des compétences de l'internaute, la maîtrise peut être approfondie soit du côté de la signification sociale soit du côté du dispositif « technique », c'est-à-dire de la formalisation qui permet l'interopérabilité des couches d'écritures. Ainsi, à quelque niveau que l'on se trouve de ces différentes couches, la conjonction de la perspective sociale et de la perspective formelle est toujours présente. Or, justement, n'en est-il pas de même dans toute production culturelle ? La capacité à faire tenir ensemble du technique, du perceptif et du sémiotique n'est-elle pas la caractéristique première de toute production culturelle ? N'est-ce pas l'approfondissement de la connaissance ou de la maîtrise des contraintes techniques, perceptives et sémiotique, comme de leur articulation dans les objets culturels qui définit la formation, l'éducation, culturelle de l'amateur, du connaisseur comme du créateur ? Et n'est-ce pas aussi à un tel processus que fait allusion Milad Doueïhi (2008, 2011) lorsqu'il parle « d'humanisme numérique » ou de « lettrés », à propos de la « culture numérique » ? La question vaut, à mon sens, la peine d'être posée et explorée.

C'est en tout cas de ce point de vue qu'il faut considérer l'hypothèse avancée en conclusion de notre recherche sur « l'allongement des médiations ». L'analyse d'un corpus de sites et de leur évolution, même menée sur une période relativement limitée, montre que les dispositifs techniques, les fonctionnalités, les logiciels et les outils se perfectionnent, se différencient, qu'ils se spécialisent et se complexifient. Ce qui signifie dans la pratique un plus grand nombre de couches d'écritures. Les deux univers d'écritures (celui de l'*écriture formelle* fondée sur la logique formelle et mathématique; celui de l'*écriture culturelle* qui renvoie à une culture médiatique héritée, pour reprendre la distinction formalisée par Yves Jeanneret (2012) vont se spécialiser en couches d'*écritures exécutables* et d'*écritures procédurales* d'un côté et couches d'*écriture éditoriale* et d'*écriture linguistique* de l'autre<sup>11</sup>.

Par exemple, nous avons pu voir comment, du côté des écritures culturelles, le développement d'outils logiciels contribuait à industrialiser la production des sites (en relation avec une évolution des langages et des formats). Une des conséquences de cette industrialisation est la migration de codes de

composition (typographie, mise en page, etc.) vers les écritures formelles. Ils tendent à devenir alors des « boîtes noires » pour l'utilisateur. Son corollaire du côté de usagers est un usage simplifié du fait de l'automatisation des opérations. Du moins tant que ces usagers s'en tiennent à une utilisation courante. En revanche, s'il souhaite aller au-delà, vers une utilisation plus spécialisée, il devra se former à la maîtrise plus approfondie de l'outil et de certaines écritures formelles.

Si notre analyse est exacte, on pourrait donc dire qu'une des particularités du numérique réside dans une extension et une complexification considérables du jeu entre les écritures culturelles et les écritures formelles. Ce phénomène tiendrait évidemment au fait que la calculabilité permet un interfaçage entre l'univers social, historique, psychologique, des « écritures culturelles » et l'univers technicien, scientifique des « écritures formelles ». Ainsi, d'un côté, la calculabilité est fondée sur le fait que le dispositif est de par en part écrit, puisque même les calculateurs sont des écritures matérialisées. Mais de l'autre, le fait que les dispositifs techniques soient de l'écriture matérialisée va rendre compatible leurs matérialités et assurer par là même la circulation de données et d'instructions qui sont capables à leur tour de produire de l'écriture sociale.

Il me semble que nous pouvons tirer de ces analyses deux enseignements utiles pour notre propos.

Tout d'abord, le développement et la complexification des couches d'écriture amènent une spécialisation des compétences et donc des métiers. Cela est évident pour les écritures formelles, mais reste vrai pour les écritures culturelles. Preuve en est le développement de métiers de concepteurs de sites, voire, à un niveau plus social encore, de gestionnaires de communautés (*community manager*). Faut-il en déduire que nous nous éloignons du partage de la maîtrise et des compétences par les internautes dans une culture commune ?

Il semble qu'il n'en soit rien. Nous constatons que ce développement et cette complexification – cet allongement des médiations – donnent aux usagers le sentiment de plus de possibilités et d'une plus grande facilité. On peut se demander s'il n'est pas dû au fait que l'automatisation de l'écriture éditoriale (mise en page, par exemple), sa migration vers les écritures formelles et la

compatibilité entre dispositifs ainsi permise, a pour effet d'accorder une place prépondérante à l'activité de réception de l'internaute.

Il me semble que ce serait un des pistes à explorer dans des recherches futures. Si on en croit en effet les résultats de notre étude, c'est la mise en contexte dans son programme d'activité de ce que l'internaute voit et lit qui produit le sens. Elle détermine ainsi de ce fait la manière dont il va continuer sa navigation, dont il va composer éditorialement sa « lecture ». Or, nous sommes probablement ici face à une des particularités de l'écriture éditoriale de l'internet qui se fait en réception. Tandis que la mise en page sur support papier était une organisation spatiale faite par le producteur, avec internet elle devient une organisation temporelle du contenu que le récepteur va dérouler lors de la navigation, puisque c'est lui qui active l'agencement de l'écran et l'apparition des objets sur celui-ci.

### **Médiations, situations et composites : l'exemple de l'arrivée des outils numériques dans les offices de tourisme**

Le dernier exemple renvoie à une recherche en cours sur l'introduction des outils numériques pour la recherche d'information par les touristes en office de tourisme. Comme pour l'exemple précédent, mon objectif ici n'est pas de présenter des résultats de l'étude elle-même, mais de réfléchir à la manière dont l'usage du numérique contribue à une culture numérique et de pointer quelles en sont les conséquences pour la recherche.

Un premier constat s'impose : en termes de recherche, l'usage des outils numérique dans un office de tourisme présente une situation qui est complémentaire de celle de la consultation de sites web sur poste fixe. Les sites que nous avons étudiés étaient accessibles depuis un ordinateur situés à domicile, ou au bureau, un lieu dont on peut penser que l'organisation était relativement maîtrisé par l'internaute et l'activité centrée sur l'utilisation de l'ordinateur. L'unité fonctionnelle pouvait être pensée comme celle d'un média informatisé inséré dans un contexte intervenant relativement peu dans l'activité de l'internaute. Dans l'office de tourisme, les usagers sont venus dans un lieu dédié, afin de chercher de l'information et du conseil sur leur séjour, des activités de loisirs ou des activités culturelles. L'outil numérique

(borne, smartphone, tablette, ordinateur) est alors un des composants d'un dispositif plus large qui comprend à la fois une banque d'accueil, des documents papiers à emporter, éventuellement des ouvrages à consulter – voire des produits locaux à acheter. Plus que le média informatisé, c'est la *situation sociale, organisationnelle et culturelle* qui constitue l'unité fonctionnelle.

Dès lors, cette situation est intéressante à étudier car elle permet d'observer non seulement l'allongement des médiations liées au média informatisé, mais la manière dont ces médiations s'articulent avec les deux contraintes qui définissent cette unité fonctionnelle : (i) les personnes qui se trouvent à un moment donné être présentes ; (ii) les divers dispositifs présents ou non, leurs caractéristiques, etc. À la conjonction des deux, les « opérations » qu'effectuent les personnes impliquant les dispositifs constituent ce que Joëlle Le Marec a appelé des « composites<sup>12</sup> ».

L'enquête montre, comme on pouvait s'y attendre, qu'une « familiarité » avec les outils numériques est une variable prépondérante dans l'usage ou non des outils numériques. Mais, certaines personnes en profitent pour essayer certains outils (tablettes, bornes, etc.) ou demander de l'assistance pour s'essayer à les utiliser lorsqu'elle existe. En réalité, ce qui est déterminant est le *programme d'activité* dans lequel la personne se trouve engagée. Pour les personnes qui utilisent ces outils, cela peut signifier qu'elles cherchent à obtenir des informations sur un point précis (hébergement, existence d'un type d'activité, horaires d'ouverture de lieux culturels, etc.), mais tout autant qu'elles explorent, « naviguent », afin de trouver quelque chose auquel elle n'avait pas pensé<sup>13</sup>.

Pour une recherche sur les usages des outils numériques, en croisant analyse sémiotique, l'observation et l'enquête orale, nous avons la possibilité d'étudier le déploiement de ces programmes d'activité par les usagers et la manière dont ce qui est proposé par l'office de tourisme constitue un contexte d'usage.

En effet, chaque office de tourisme articule à sa manière outils numériques et les outils « traditionnels » (accueil et documentations diverses notamment) en un dispositif singulier de médiations. Il faut entendre par là que non seulement il choisit de proposer ou non certains types d'outils (ordinateurs, bornes dédiés à un type d'usage tel que l'organisation de randonnées par exemple, tablettes, réseau WIFI accessible par les smartphones, etc.),



mais surtout que la manière dont ils sont mis en scène revient à proposer des scénarios d'usage.

Pour prendre un exemple : placer les bornes à l'entrée revient à proposer au client de commencer par rechercher soi-même des informations qu'il pourra approfondir auprès des conseillers en séjour. Ainsi, plusieurs types d'opérations peuvent être proposées tel que recherche d'informations, tri de l'information sur critères que choisit l'internaute, téléchargement, accompagnement *in situ* avec éventuellement géolocalisation, etc. Mais ces scénarios d'usage des outils numériques sont articulés à leur tour avec d'autres, plus traditionnels comme la rencontre des conseillers en séjour, la consultation de documents papier, les échanges avec d'autres clients, etc.

Tous ces scénarios vont constituer un *contexte d'usage* qui va entrer résonance avec d'un côté le *programme d'activité de l'usager*, mais aussi avec les médiations interne aux outils eux-mêmes (l'agencement des différentes couches d'écritures), ce qui fera que dans certain cas, l'ensemble fonctionne et d'en d'autres il ne fonctionne pas<sup>14</sup>. Ce qui fait la particularité des offices de tourisme est d'une part que la situation comme les outils sont connus tout à la fois par ceux qui organisent la mise en contexte et par les usagers. Il existe entre les deux une culture commune portant sur l'écriture et l'usage des dispositifs tant numériques qu'organisationnels. Une culture qui est d'autant plus opérante qu'elle est rendue visible et lisible par la mise en espace ou par l'action des personnes qui accueillent.

Au bilan, sur le plan de la recherche, on peut donc retenir que dans une configuration où l'unité fonctionnelle est une *situation sociale*, organisationnelle et culturelle telle que celle que l'on observe la mise en place des outils numériques dans un office de tourisme, il convient de ne pas s'en tenir à une approche qui les isolerait de situation dans laquelle l'usager va être amené à les utiliser et produire du sens. Ne pas isoler l'étude de la réception des outils de celle de la situation mais plutôt accorder la priorité à l'articulation des médiations.

---

## Notes

1 L'emploi ici culture numérique au sens d'une nouvelle forme de culture, à côté des cultures visuelles, littéraires, spatiales, etc.. Elle est fondée sur ce que Milad Doueïhi appelle digital literacy, un savoir-lire-et-écrire numérique supposant, entre autre, la construction d'une compétence (Doueïhi, 2008, note 1 page 13).

2 Par exemple en France la création de la base Joconde. Voir Després-Lonnet (2009).

- 3 Par exemple, Marie Desprès-Lonnet (2000) a montré que les interfaces de consultation étaient alors pensées pour des spécialistes.
- 4 Sur la question du substitut, je renvoie à l'ouvrage de Cécile Tardy, Représentations documentaires de l'exposition (2012).
- 5 Pour plus de précisions sur les notions d'empreinte et d'enregistrement, je renvoie à Genette (1994).
- 6 Voir par exemple Vanderdorpe & Salaün, 2004.
- 7 Sur ce point, je renvoie par exemple à des auteurs aussi divers que Bouquillon (2003), Vanderdorpe (2006) ou Jeanneret (2008).
- 8 On peut voir par exemple à quel point les énoncés (tweets) sont riches d'un contexte porté par les participants eux-mêmes, alors que le dispositif technosémiotique de Twitter réduit le contexte éditorial au logistique.
- 9 C'est le principe même de l'architexte.
- 10 Le «contexte programmatique» ou «programme d'activité de l'internaute», n'est évidemment pas à concevoir comme un scénario préétabli mais plutôt un «arrière-plan» au sens de Searle (Searle, 1998, 167 sq).
- 11 L'écriture exécutable correspond à l'écriture machine ou logicielle. Les écritures procédurales désigneraient toutes les écritures et réécritures qui visent à rendre calculables les données ; comme, par exemple, les découpages, classement, standardisation permettant la duplication à l'identique, étiquetage, indexation, etc. des contenus comme des formats. L'écriture éditoriale met en forme les éléments selon des contraintes techniques (Davallon, 2012b)
- 12 «Les "composites" caractérisent de situations au sein desquelles des individus mobilisent à la fois la signification d'objets matériels et des représentations, réalisent des actions et mettent en œuvre des systèmes de normes ou des règles opératoires.» (Le Marec & Babou, 2003, p. 246.)
- 13 Il arrive aussi marginalement des personnes utilisant le réseau WIFI, voire les ordinateurs ou tablettes permettant de naviguer sur le web à des fins personnelles. Ce type de programme sort de la proposition faite par l'office, même si certains offices le tolèrent pour un temps limité, le considérant comme un « service ».
- 14 L'importance de cette mise en résonance entre les différentes formes de médiations qui composent la situation sociale et celles de l'outil numérique apparaît particulièrement bien dans une autre recherche en cours sur une signalétique urbaine expérimentée à Arles (Sentiers numériques). Comme ces Sentiers sont constituées de postes d'informations affichées sur des boîtiers électriques. Ils permettent par flashage d'un QR code avec un smartphone d'accéder à des documents complémentaires (vidéos, jeux, extraits de concerts, etc.). On voit bien dans ce cas comment la cohérence entre le lieu, le type d'information, le programme d'activité du passant est déterminante pour qu'en premier le passant s'arrête, puis lise, et ensuite ouvre le document complémentaire par flashage du QR Code.

## Références

- BACHIMONT, B. Connaissance et support d'inscription : entre raison graphique et raison computationnelle. In: ÉCOLE D'ÉTÉ DE L'ARCO, 7, Bonas. **Anais...** Bonas, 10-21 jul. 2000a. Disponible em: <<http://www.arco.asso.fr/downloads/Archives/EC/Bachimont.pdf>>. Acesso em : 09 mar. 2009.
- BACHIMONT, B. Intelligence artificielle et écriture dynamique: de la raison graphique à la raison computationnelle. In: PETITOT, J. ; FABBRI, P. **Au nom du sens: autour de l'œuvre d'Umberto Eco**. Paris: Grasset et Fasquelle. 2000b. p. 290-319.
- BOUQUILLON, P. La culture face à l'Internet: un enjeu culturel et d'action publique. 2003. Disponible em : <[http://w3.ugrenoble3.fr/les\\_enjeux/2002/Bouquillon/Bouquillon.pdf](http://w3.ugrenoble3.fr/les_enjeux/2002/Bouquillon/Bouquillon.pdf)>. Acesso em : 15 jun. 2010.
- BROCHU, D. et al. **Les Musées face à l'édition multimédia**. Dijon: OCIM, 1999.
- CASEMAJOR, N.L. **Diffuser les collections photographiques sur le Web : de nouvelles pratiques de médiation ? Étude des formes et stratégies de communication du patrimoine photographique en ligne**. 2009. Thèse (Doctorat en

- sciences de l'information et de la communication) – Lille : Université Charles de Gaulle Lille 3 ; Montréal : Université du Québec, 2009.
- CASEMAJOR, N.L. Diversifier les figures du public : l'appropriation du patrimoine culturel sur le Web. **Communication**, v. 29, n. 2, 2012.
- DAVALLON, J. (dir.). **L'économie des écritures sur le web** – v. 1 ; Les traces d'usage dans un corpus de sites de tourisme. Paris/Londres : Lavoisier/Hermès Science Publishing, 2012a.
- DAVALLON, J. ; GOTTESDIENER, H. ; LE MAREC, J. **Les Premiers Cédés de musée**. Dijon : OCIM, 2000.
- DAVALLON, J., NOEL-CADET, N. ; BROCHU, D. L'usage dans le texte : les "traces d'usage" du site Gallica. In : SOUCHIER, E.; JEANNERET, J. ; LE MAREC, J. **Lire, écrire, récrire** : Objets, signes et pratiques dans les médias informatisés. Paris: Bibliothèque publique d'information ; Centre Georges Pompidou, 2003. p. 47-89.
- DAVALLON, J. Conclusion. In: DAVALLON, J. (dir.). **L'économie des écritures sur le web** ; v. 1 ; Les traces d'usage dans un corpus de sites de tourisme. Paris: Lavoisier, 2012b. p. 243-269 .
- DESPRES-LONNET, M. **Contribution à la conception d'interfaces de consultation de bases de données iconographiques**. 2000. Thèse (Doctorat en sciences de l'information et de la communication) – Lille : Université Charles de Gaulle Lille 3, 2000.
- DESPRES-LONNET, M. L'écriture numérique du patrimoine, de l'inventaire à l'exposition : Les parcours de la base Joconde. **Culture & Musées**, v. 14, p. 19-38, 2009.
- DOUEIHI, M. **La Grande Conversion numérique**. Paris : Éd. Du Seuil, 2008.
- DOUEIHI, M. **Pour un humanisme numérique**. Paris : Éd. du Seuil, 2011.
- GENETTE, G. **L'Œuvre de l'art** : Immanence et transcendance, Paris : Éd. du Seuil, 1994.
- JEANNERET, Y. *Penser la trivialité* ; v. 1 ; La vie triviale des êtres culturels. Paris: Lavoisier, 2008.
- JEANNERET, Y. Introduction. In : DAVALLON, J. **L'économie des écritures sur le web** ; v. 1 ; Les traces d'usage dans un corpus de sites de tourisme. Paris: Lavoisier, 2012. p. 19-36.
- LE DEBÁT. Le livre, le numérique, v. 170, mai. 2012.
- LE MAREC, J. ; BABOU, I. De l'étude des usages à une théorie des "composites" : objets, relations et normes en bibliothèque. In : SOUCHIER, E. ; JEANNERET, J. ; LE MAREC, J. **Lire, écrire, récrire** : Objets, signes et pratiques dans les médias informatisés. Paris : Bibliothèque publique d'information ; Centre Georges Pompidou, 2003. p. 235-299.

- LELEU-MERVIEL, S. ; USEILLE, P. Quelques révisions du concept d'information.  
In : PAPY, F. **Sciences de l'information. Problématiques émergentes**. Paris :  
Lavoisier, 2008.
- PASSERON, J.-C. **Le Raisonnement sociologique**. Paris : Albin Michel, 2006.
- SEARLE, J. R. **La Construction de la. Paris** : Gallimard (NRF Essais), 1998.
- SOUCHIER, E. ; JEANNERET, J. ; LE MAREC, J. **Lire, écrire, récrire** : Objets,  
signes et pratiques dans les médias informatisés. Paris : Bibliothèque publique  
d'information ; Centre Georges Pompidou, 2003.
- TARDY, C. **Représentations documentaires de l'exposition. Paris** : Hermann  
(Cultures numériques), 2012.
- VANDERDORPE, C. ; SALAÜN, J.-M. (Dir.). **Les défis de la publication sur  
le web : hyperlectures, cybertextes et méta-éditions**. Lyon : Presses de  
l'Enssib, 2004.
- VANDERDORPE, C. Internet, le média ultime. **Le Débat**, v. 139, mar.-avr., p.  
135-145, 2006.
- VANDERDORPE, C. Le livre et la lecture dans l'univers numérique. In : LE RAY,  
É. ; LAFRANCE, J.-P. **La bataille de l'imprimé à l'ère du papier électro-  
nique**. Montréal : Presses de l'Université de Montréal, 2008. p. 191-209.